

O Cambaro

TUDO PELA LIBERDADE

ANNO XII

DIRECTOR: - PAULINA VARES

NÚM. 949

REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

ADMINISTRADOR: - A. Pereira dos Santos

RIVERA, 16 DE JANEIRO DE 1898.

O Cambaro

PUBLICA-SI ÁS QUINTAS-FERIAS
E DOMINGOS

ASSIGNATURAS

PARA O LIVRAMENTO
MEZ 2\$ - SEM. 10\$ - ANNO 18\$
PARA PÓRRA
SEMESTRE 12\$ -- ANNO 20\$
PARA ESTA REPÚBLICA
MEZ 0.50 - SEM. 2.50 - ANNO 5.00

Nº do dia 10 centésimos.

Apedacos, editimes, inimicicos e trabalhos tipograficos, 10 por cento menos que o montante que permanente pagamentos indevidos, assim como o das assinaturas.

Alerta!

MUITO CUIDADO !

Revolução castilhista !

Sobre este gravissimo assumpto premettemos em noticia de nossa edição passada, dar detalhadamente aos nossos leitores conhecimento do plano sinistro que foi organizado em Porto Alegre, na residencia do proprio presidente do Estado, para desmembrar o Rio Grande do Sul da União Nacional, por meio de uma proxima revolução, mas, deparando no Ecto no Sr. um magistral artigo à respeito, eremos satisfazer o compromisso assumido, transcrevendo do illustre e valente collega o que se segue:

«Os factos estão demonstrando, de modo claro e prenuptorio, que o castilhismo anarquico e sanguinario prepara-se para erguer-se contra a ordem de coisas legalmente estabelecidas.

Uma longa serie de circunstancias, que franca e abertamente havemos, nestas columnas, denunciado, firma na consciencia de todos a assertao que fazemos.

Não há quem não esteja convencido de que é uma verdade incontestavel o plano revolucionario do Sr. Julio de Castilhos e seu partido.

Aos factos demonstrativos dos intentos rebeldes do castilhismo mashorqueiro, aos quais nos temos referido largamente, juntamos, agora, outros, mais claros, mais positivos, mais convincentes.

Sabemos de fonte segura que o castilhismo reuniu-se em Porto Alegre, no Arraial da Gloria, chácara do Sr. Julio de Castilhos, para deliberar precisamente sobre a separação do Estado riograndense.

Nessa reunião, em que o assumpto foi amplamente discutido, ficou assentado que o castilhismo faria a revolução armada,

para o fim de separar o Rio Grande do Sul da União, devendo aderir ao movimento os anarquistas de Paraná e Santa Catharina, para constituir uma nova Republica com os tres Estados sulistas.

Ficou mais decidido na mencionada reunião que, seriam precipitados os acontecimentos para que o governo federal não tivesse tempo de impedir a execução do plano revolucionario.

Decidiram tambem os conspiradores, nessa mesma reunião, que, ao principio de revoltar, seriam presos os federalistas chefes e soldados, sem seleção alguma, em Porto Alegre e nas demais localidades onde as forças federais não pudessem embaragar o movimento castilhista.

O arsenal de guerra, em Porto Alegre, seria tomado de surpresa.

Como emissario do castilhismo mashorqueiro, veio da capital do Estado a Pelotas, o Sr. José Evaristo do Amaral, irmão do redactor da *Federação*, trazendo instruções acerca do plano criminoso.

O Sr. Julio de Castilhos, presidente d'este Estado, tem enorme interesse em conflagrá-lo, como homem perdido que jogá a ultima cartada.

Acurvado ao peso de tremenda acusação, apontado como cúmplice na cobarde tentativa de assassinato na pessoa do Dr. Prudente de Moraes, honrado Presidente da Republica, o energumeno presidente deste Estado, não só, não encontra salvador, senão no movimento a mão armada e na organização da irrisória Republica do Sul.

Os conspiradores reunidos no Arraial da Gloria, chácara do Sr. Julio de Castilhos, resolveram fazer a revolução para a desagregação do solo patrio, no intuito de salvar os criminosos do castigo merecido e para que o Sr. Julio de Castilhos continue a governar.

Entrou no plano sanguinario, a prisão dos nossos companheiros, que, sem dúvida, serão victimas do punhal, da faca degolladora e do trabuco.

Os Martires e os Bispos assassinados, hão-de querer que corra a joros o sangue dos seus leais adversarios.

Alerta ! Temham muito cuidado os federalistas de todas as localidades do Estado, previnam-se contra a cidadã castilhista, estejam prontos para reagir com energia, não só para a salvaguarda da propria vida, como para auxiliar efficacemente o benemerito presidente da Republica, na defesa da integridade da patria brasileira.

Alerta, federalistas ! Alerta !

O castilhismo quer precipitar os acontecimentos.

Mais dia, menos dia, o Rio Grande do Sul estará sob o valer revolucionario !

O Sr. Julio de Castilhos quer a guerra !

POERA

— Castilhos pretende fazer a independencia do Rio Grande. Os verdadeiros rio-grandenses, os gauchos nobres, altivos, serenos e implacáveis não devem permitir que o torrão amado continue escravizado por esse ambicioso.

A independencia quer esse tyrano, Deste nosso torrão abençoado, Com um odio cruel e deshumano, Quer tornar o Rio Grande desgraçado !

Contemplae nosso céu tão azulado, Estudae do Rio Grande os bravos filhos E dizei-nos se pode ser perdoado O despotá cruel Julio Castilhos.

Contemplae do Rio Grande o filho bravo, Dnde a gloria gentil sempre se expande E dizei-nos se pode ser escravo De Julio de Castilhos o Rio Grande ? !

António ALVAREZ

Tel-aí, mas não como deseja. Acahou-se o *papai* Floriano.

O Exercito e a Marinha sabrão cumprir o seu dever e os verdadeiros patriotas combatêrão resolutos, ao seu lado, para dominarem a anarchia e não consentirem de forma alguma, no esplacamento da patria.

Levante o Sr. Julio de Castilhos, o estandarte da revolta, e será em pouco derrotado.

Eia ! phalange de bravos magragatos !

Eia ! nobres defensores da integridade nacional !

Eia ! patriotas de todos os mazizes !

Não consinta que o castilhismo impatriotico e sanguinario destrua os laços que prendem os Estados.

Aleria ! Viva a União Brasileira ! Viva a integridade da patria !

INTERVIEW

Sabendo haverem chegado de Porto Alegre alguns cidadãos orientaes, dos que foram recrutados por João Francisco e para si tentados, onde serviram até ha pouco na brigada militar e de onde foram ultimamente soltos, gravais á intervenção do Consul oriental naquela cidade, procuraram dentro os varios que nos foram apresentados aquelle que nos pareceu mais experto, mais vivo, por ser o mais falante e o que mais precisão e memória demonstrava dos factos de que tratava, para entrevistalo-o.

E elle logo, ruivo, alto, magro, uia só bigode ; deixa ver a sua pouca ou nenhuma instrução, mas é possuidor da sagacidade e natural viveza do gaúcho oriental ou Rio-Grandense.

Manifestamos-lhe o desejo de obter d'elle algumas informações sobre o que se passa no acampamento de João Francisco e como elle se põe ás nossas disposições, principiantos nossa entrevista pela forma seguinte :

P.— Como se chama Vc. e de onde é natural ?

R.— Sim, senhor.

P.— Pode informar-nos algu-

ma cousa do que se passa n'esse acampamento ?

R.— Estou ás suas ordens.

P.— Então diga-nos : — E' verdade que ali se commetem muitos assassinatos e esbordoamentos.

R.— A esse respeito, senhor, o que ali se dá, é um verdadeiro horror. Se eu tivesse de lhe dizer tudo quanto ali se passa entao era questão de *levar um libro*.

P.— Diga-nos sempre alguma cousa, por exemplo: se Vc. viu ou sabe que matassem alguém durante sua estadia ali e quantos foram os assassinados e se recorda os nomes dalguns ?

R.— Durante os trez mezes e quatro dias que estive n'aquele acampamento vi matar a 15 ! No entanto posso lhe garantir que mais de CEM foram mortos.

Dos 15 que eu vi matar, porque foram mortos no proprio acampamento, posso lhe dizer os nomes de dois — o sargento Jacintho Bentes, morto no dia 21 de Junho e o do oriental J. Eleutherio Peña, natural do Salto, morto á garrote, no dia 27 também de Junho.

O sargento Jacintho era um dos degolladores de João Francisco e foi quem matou o alferes oriental Carlos Farias, por ordem de João Francisco.

Depois, não sei porque motivo, foi um dia preso, amarrado e posto no corpo da guarda do acampamento, Jacintho comprehendeu logo que o iam matar e começou a falar e as vezes a gritar, dizendo que sabia que ia morrer e que João Francisco o mandava matar temendo que elle Jacintho, algum dia pudesse contar todos os assassinos que havia commetido por ordem de João Francisco ; que era essa a recompensa que lhe davam depois de terem-n'o feito praticar tristes crimes.

Varias vezes lhe ordenaram que se calasse, mas Jacintho não obedecia. Finalmente João Francisco ordenou que o matassem ali mesmo, o que se fez com um tiro de regimento na cabeça.

O oriental Eleutherio Peña, estivera um domingo jogando a taba e bebendo alguns tragos e de tarde, sentindo-se bebado, foi para o matto e deitou-se a dormir.

Na manhã seguinte foi sentida sua falta no acampamento e imediatamente se mandou subir gente á pé e á cavalo em sua procura. Foi encontrado logo, ainda dormindo.

Trazido ao acampamento João Francisco insultou muito, chamando-o de castilhano bandido, e dizendo que ia enfiar-lhe a descarriada mandou esbordalo-o até matá-lo.

Isto é a cousa mais horrivel que tenho visto em minha vida ! . . .

Foram necessarias mais de duas mil bordoadas para matá-lo ! . . .

Os outros que vi matar não os

conhecia por serem dos que chegavam recrutados.

Destes recrutados, quando chegavam as escoltas no acampamento, João Francisco mandava separar os que queria matar e iam para o corpo da guarda e de noite *desappareciam*.

Uma vez vi chegar ao acampamento, vindos dos lados do Quarahy, um moço novo, bem vestido, com muito boa roupa, bon poncho, boa corrente de relógio, hotinas novas, acompanhado de outro moço que parecia ser seu peão.

Ficaram os dois no corpo da guarda e no dia seguinte já não apareceram.

Dois dias depois fui nomeado para ir fazer lenha no matto e dentro de uma sanga encontrei o moço e seu companheiro degollados, atravessados um sobre o outro e completamente nus. Mais tarde vi em poder dos soldados a sua roupa, poncho e etc.

P.— Diga-me ; esses mortos eram enterrados ?

R.— Os que se matavam no acampamento ou no hospital — assassinava — eram enterrados, mas os que eram mortos fora do acampamento, nos mattos e zangas proximas, ficavam insepultos.

P.— Viu Vc. nesses mattos e zangas muitos cadáveres ?

R.— Muftissimos Sr., e ossamento humano entao é um horror ! E como não ser assim quando é certo que é raro o dia em que ali não se mata gente ?

P.— E Vc. não esteve nunca ameaçado nem sofreu algum castigo ?

R.— Nunca soffri castigo algum, mas um dia, pensei que me iam matar, porque veio a mim um furrel de nome Gabriel Philomeno e me pediu meu poncho, meu relógio (de prata) e meu chapimillo, dizendo-me que eu não precisava d'aqueilo visto que ia ser morto.

Dei-lhe tudo quanto me pediu, e até hoje . . .

P.— Não hâ ali, entre os officiaes de João Francisco, alguri que se oppõa a esses barbares crimes ?

R.— Ha um unico Sr., que ás vezes vai pedir pela vida de algum *desgraciado* ; — é o capitão

BICADAS

XII

Ao cão com enfeios
Vão lindas meninas,
Que levam nos scios
As noitas . . . divinas.

S. Pedro que é santo
Que gosta de amores,
Lhe's brinda de um canto
Seus ramos de flores.

Os anjos que outrora,
Viviam tristonhos,
Repetem agora :
— Que dias risinhos ! . . .

O pica-pau,

Gentil Rolim, a quem o comandante João Francisco considera e atende muito, parecendo-me que *hast le tiene miedo*. (textual)

P.—Poder dizer-me os nomes dos executores que João Francisco tem a seu lado?

R.—Os principais são: — um paro de nome Paiva, um indio chamado Paredes, Virgílio Linhares. Sem embargo ha na sua gente muitos que sabem *degollar* Paiva, nôsso devotadissimº amigo político.

Concluiu o povo da capital, odiando-as deveras o novo contraciente, não lhe comprou bilhetes, não o auxiliou em causa alguma, de maneira que o miserável se obligado a resceder o contrato sem com tuda entrar com causa alguma para os cofres do estado, nem mesmo com a malfadada proscripta; sendo-lhe tudo relevado como premio da colaricia que praticou!

E não ficou só nisto tal negócio: o cidadão Thomas, levado em seus direitos, tratou de desfogar o seu reboço, o que conseguiu, recebendo, ainda no dia, uma indemnisação de cinquenta contos de réis, que lhe foi mandada pagar pelo proprio Dr. Julio de Castilhos, á empesos da adoeçia administrativa, que o cecera.

Agradecemos ao bom amigo o auxilio que nos veio trazer e espetamos que continue a honrarnos com suas missivas.

Eis a correspondencia: — Amigo e Sr. Director d' O Canabarro.

Porto Alegre está transformada em uma causa que muito se assemelha á capital do principado de Monaco. Joga-se ali que é um Deus nos céus; sobre tudo! Joga-se em loterias, joga-se nos prados, joga-se nos bichos, uma ladração que existe há pelo Rio e que lá estabelece, segundo estou informado, filial na capital do Estado e, creio, que em Pelotas e Rio Grande; joga-se nas casas de tavaglêm, que ali são variadas, elegendo-se mesmo a dizer que existe de propriedade de um general patriota de Julio de Castilhos, tanto concordado pelo general Carlos Telles; jogos, finalmente, em rifas, que constantemente estão a aparecer sob o título *entre amigos*.

São ali vendidos disfarçadamente bilhetes das seguintes loterias: capital federal, uma por dia, Sergipe, Ilha Grande do Norte, Santa Catharina, Paraná e do próprio Estado; de Montevideo, da república Argentina e do Paraguai.

Os transentes são por toda a parte abusados por exames de devidade, quando a sorte é de cidadista, quer todos italiani vadios, que oferecendo a sua meia-moeda roubam racionais de negócios, que se acham devidamente estabelecidos a aparecer sob o título *entre amigos*.

Sucedeu, porém, que os Mariscanos, hoje dinheiros e ainda não ha muito viveram vendedores de lotas pelas suas destas cidades, se transformando em jornalistas, publicaram nas antevésperas de ser escolhida uma das propostas, em linguagem que só elles entendem — pudêr, não, de latêro á jornalista val grande distância — uma jornal, subordinado ao título *L'Idiot*.

Ah! Tasso, inspirado cante da Diáspora de Fennara, quando imaginou que, escrevendo o vosso admirável poema *Genussum Liberata*, que vos deu um lugar entre os principais episódios da latina raça e cujo prêmio aqui estampo multiladamente:

Cant o formoso pôste o capitão
[no]
Chei gran sepulcro liberó di
[risto]...
Molto egli oprò e l' sonno con
[la mano],
Molto soffri nel glorio aquivo
[lo]...
Muita dia viria que a vossa harmoniosa língua, no qual, antes de vós, já se expressava o divino Dante, no alto conceito do Augusto, o pão da epopeia moderna, o que equivale a chanal: — Homero da idade média, seria tal maltratado, tão expulsa!

Pobre povo! Fica sem o seu dinheirinho troco d'uma experiência que nem sempre lhe sabe! Espa, o miserável, as consequências do governo dos novos moldes do palavros Dr. de Castilhos.

Ven à propósito referir aqui o que este cidadão praticou com relação ao assumpto de que me venho ocupando.

O advento da república veio encontrar o cidadão Thomaz de

Oliveira no goso d'um contrato legal de loterias deste Estado e nello foi continuando até que o actual governador lhoue por bem resculdi-lho para, a pretexto de maiores vantagens para os cofres estatais, passou-o Sr. Azevedinho, dentista, entao *enfant-gâté* do castilhismo e cognominado o fura-olho — por já haver vazarado a numero do intendente e popular cidadão Ernesto Paiva, nôsso devotadissimº amigo político.

Com isto demorou por satisfeitos e agradecendo nos despedimos do jovem Elizan Alvares, que nos dice quer ainda á nossa disposição para qualquer outra informação particular ou judicial que necessitassemos.

CORRESPONDENCIA

Um ilustrado e distinto amigo, residente em Porto Alegre mas que costuma viajar muito por todo o Estado, enviou-nos a carta — correpondência que abuso publicámos, chamando-a a atenção dos publicanos, com a seguinte nota:

Hincanto.

Jararica, Dezembro 31 de 1897.

Nb.—De conformidade com o meu estado de constante *borequeiro* pelo interior do Estado natal, passo a assinarmo.

Hincanto.

CHRONICA

Ora, vejam lá, meus ilustres e amados leitores, como são as coisas deste mundo.

Acordei hoje de vez, como se costuma dizer, e quando pretendia dar conexão á minha dominiqueira chronicaria para pedir desculpas pelo *errato* que fiz no Domingo passado, e ao mesmo tempo dar uns punhós de ouvidas no meu aveludado filho — Vírgio Junior — pela intriga malevolente que encontrei em casa, e o velho casal de arruinhados e fícis punhinhos, sou interrompido com uma misericórdia a mim espada!

Abro, recorro á assinatura e... Oh! surpresa!... *Vírgio Junior* é quem subscrita a mesma! entre outros concorrentes apresentaram propostas que prenderam negociantes cintilantes; entre outros concorrentes apresentaram propostas que prenderam negociantes desta praça Leopoldo Masson e Vieira da Rocha, e os vendedores de bilhetes da loteria de Montevidéu, irmãos Mariscanos.

Foi destes preferida naturalmente ter a comissão a julgadora classificando em primeiro lugar os d'apêlos negociantes, que mais vantajosas para os concorrentes.

São ali vendidos disfarçadamente bilhetes das seguintes loterias: capital federal, uma por dia, Sergipe, Ilha Grande do Norte, Santa Catharina, Paraná e do próprio Estado; de Montevideo, da república Argentina e do Paraguai.

Os transentes são por toda a parte abusados por exames de devidade, quando a sorte é de cidadista, quer todos italiani vadios, que se acham devidamente estabelecidos a aparecer sob o título *entre amigos*.

Sucedeu, porém, que os Mariscanos, hoje dinheiros e ainda não ha muito viveram vendedores de lotas pelas suas destas cidades, se transformando em jornalistas,

publicaram nas antevésperas de ser escolhida uma das propostas, em linguagem que só elles entendem — pudêr, não, de latêro á jornalista val grande distância — uma jornal, subordinado ao título *L'Idiot*.

Ah! Tasso, inspirado cante da Diáspora de Fennara, quando imaginou que, escrevendo o vosso admirável poema *Genussum Liberata*, que vos deu um lugar entre os principais episódios da latina raça e cujo prêmio aqui estampo multiladamente:

Cant o formoso pôste o capitão
[no]
Chei gran sepulcro liberó di
[risto]...
Molto egli oprò e l' sonno con
[la mano],

Molto soffri nel glorio aquivo
[lo]...
Muita dia viria que a vossa harmoniosa língua, no qual, antes de vós, já se expressava o divino Dante, no alto conceito do Augusto, o pão da epopeia moderna, o que equivale a chanal:

Homero regressou da inquisição com as mãos tão inclinadas que lhe podia segurar as rechas do cavalo, mas, muito contente por trazer a cabeça no seu lugar.

Parabéns

O dictador caradura está manejando...

— Há tempos, quando caoui uma filha do mesmo sub-intendente, um grupo de convidados inclusive a polícia, acompanhavam o casamento, dando, como é uso na campanha, tiros de polvorosa; e, no chegarem todos á casa do Sub-intendente, um sujeito de uma pedraria, ao menos, para a construção desse grandioso edifício. Por isso ini fio hoje com meu respeitável tio uma série de cartas, cujo unico fim será narrar a meu bom tio todas as violências, arbitrariedades e ilegalidades que nele o 3º Distrito

go dithyrambico no Dr. Julio de Castilhos, trás no centro da página da frente, o retrato desse sátira.

Ora, o resultado foi aquela certeza: — os irmãos Mariscanos preferidos e os dois qualificados negociantes rio-grandenses preferidos! Não lhes valendo terem apresentado proposta mais vantajosa, segundo o *verdilhão* da comissão julgadora.

É que elles não latem palmas

ao *esqueribundo* governo do Dr.

Julio de Castilhos. Mas, afinal,

como o negocio era unicamente

bilateral:

— se fizessem

deveras

o novo

contrato

com o

actual

governo

do Rio Grande do Sul,

que por

isso

preferiam

os

irmãos

Mariscanos,

que por

isso

preferiam

os

irmãos

